



REFLEXÃO SOBRE ENSINAR FILOSOFIA: UMA CRÍTICA ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Arthur de Souza Rodrigues¹

Vicente Thiago Freire Brazil²

REFLEXIONES SOBRE LA ENSEÑANZA DE LA FILOSOFÍA:

Una crítica de las prácticas pedagógicas en la educación básica brasileña

Resumo:

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma reflexão crítica acerca das metodologias empregadas no ensino da filosofia na educação básica brasileira, considerando especialmente o contexto do Ensino Médio e as orientações estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Partindo das premissas de que o ensino da filosofia, quando separado do exercício do pensamento filosófico, perde sua essência formativa e crítica, transformando-se em mera transmissão de conteúdos descontextualizados. Após uma análise teórica e documental, discute-se o papel da filosofia na formação ética, crítica e reflexiva dos estudantes, bem como as contradições presentes na BNCC, que, embora reconheça a importância da filosofia, está inserida em um projeto educacional alinhado às demandas do neoliberalismo. Dialogando com autores críticos da educação, busca-se evidenciar os desafios enfrentados pelo ensino da filosofia e a necessidade de metodologias que valorizem o pensamento autônomo, a argumentação e a problematização da realidade social.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia 1. Educação Básica 2. BNCC 3. Metodologias de Ensino 4. Formação Crítica 5.

Resumen

Este artículo presenta una propuesta de reflexión crítica sobre las metodologías empleadas en la enseñanza de la filosofía en la educación básica brasileña, considerando especialmente el contexto de la educación secundaria y las directrices establecidas por la Base Curricular Nacional Común (BNCC). Se parte de la premisa de que la enseñanza de la filosofía, al separarse del ejercicio del pensamiento filosófico, pierde su esencia formativa y crítica, transformándose en una mera transmisión de contenidos descontextualizados. Tras un análisis teórico y documental, se discute el papel de la filosofía en la formación ética, crítica y reflexiva del alumnado, así como las contradicciones presentes en la BNCC, que, si bien reconoce la importancia de la filosofía, se inserta en un proyecto educativo alineado con las exigencias del neoliberalismo. A través de la colaboración con autores críticos en educación, se busca destacar los desafíos que enfrenta la enseñanza de la filosofía y la necesidad de metodologías que valoren el pensamiento autónomo, la argumentación y la problematización de la realidad social.

Palabras clave: Enseñanza de la Filosofía; Educación Básica; BNCC; Metodologías de Enseñanza; Formación Crítica.

¹Arthur de Souza Rodrigues, arthursouza@aluno.uece.br, aluno de graduação em Filosofia, Licenciatura, da Universidade Estadual do Ceará, bolsista de monitoria PROMAC de metodologias de ensino em Filosofia.

²Vicente Thiago Freire Brazil, vicente.brazil@uece.br, Professor Adjunto dos Cursos de Filosofia da UECE. Coordenador do Laboratório de Pesquisas em Docência em Filosofia – LADOFIL.

1. INTRODUÇÃO

O ensino da filosofia na escola básica brasileira tem sido objeto de intensos debates e estudos, especialmente no que diz respeito às metodologias utilizadas em sala de aula e à efetividade desse ensino na formação crítica dos discentes. Embora a filosofia esteja oficialmente presente no currículo do Ensino Médio, como disciplina obrigatória desde 2008, na prática³ sua existência é de muitas formas colocadas a prova, ou negada em alguns pontos do país⁴, como em um contexto político neoliberal e ultra religioso, ela mostra-se como uma aliada ao senso crítico para o combate da disseminação da lógica neocapitalista e ultraconservadora a qual se instaurou dentro das escolas. A negação de sua permanência mostra um projeto político qual tem a necessidade a manutenção da lógica de manter os filhos da classe trabalhadora na minoridade política – crítica, social e principalmente sem as ferramentas necessárias para fundamentar a sua reflexão.

Também se observa a distância entre as metodologias utilizadas no ensino de Filosofia e a realidade concreta dos estudantes constitui um dos principais desafios dessa disciplina na educação básica brasileira. Em muitos casos, o ensino filosófico permanece centrado apenas na exposição histórica de teorias e autores, sem estabelecer vínculos com as experiências vividas pelos alunos, o que dificulta o desenvolvimento do pensamento crítico. Nesse sentido, Paulo Freire destaca que o processo educativo não deve se limitar à transmissão de conteúdos, mas deve partir da realidade dos educandos, promovendo uma educação problematizadora e crítica. Como afirma o autor, "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (Freire, 2012).

Dessa forma, o ensino de Filosofia precisa buscar metodologias que dialoguem com o contexto social dos estudantes, possibilitando que o pensamento filosófico se torne uma ferramenta de compreensão e transformação da realidade. Nessa perspectiva, autores como Sílvio Gallo defendem que a Filosofia na escola deve ir além da simples história da filosofia, constituindo-se como um exercício de pensamento que envolva diretamente os problemas e vivências dos estudantes.

A filosofia, enquanto campo do saber, não se reduz à memorização de conceitos ou à enumeração de correntes filosóficas; contudo, percebe-se que é isso que tem ocorrido de modo sistemático quando a reflexão filosófica é reduzida a mero conteúdo transmitido nas aulas de Ciências Humanas. Seu ensino exige a vivência do filosofar, isto é, o exercício da dúvida, da problematização e da argumentação crítica diante da realidade. Nesse sentido, Sílvio Gallo afirma que o ensino de filosofia não deve limitar-se à apresentação da história da filosofia, mas precisa possibilitar aos estudantes a experiência do pensamento filosófico, na qual os alunos sejam instigados a questionar e refletir sobre os problemas de seu tempo. De modo semelhante, Alejandro Cerletti defende que ensinar filosofia significa criar condições para que os estudantes possam efetivamente filosofar, transformando a sala de aula em um espaço de problematização e produção de pensamento, e não apenas de reprodução de teorias já estabelecidas.

Logo quando esse processo não ocorre, pode-se afirmar que a filosofia está sendo, simbolicamente, "destruída" dentro do espaço escolar, impedindo os alunos de um direito fundamental, o de pensar filosoficamente. Ao longo da história a filosofia associou-se a uma forma de lidar com o conhecimento por meio da crítica, dúvida e reflexão deste modo, como argumenta Descartes, é impossível estabelecer o exercício filosófico se não houver espaço para a liberdade da dúvida radical. Isso fica explícito de modo indubitável neste clássico excerto cartesiano:

Em tantas dúvidas fui lançado pela meditação de ontem que já não sou capaz de as esquecer, nem vejo, todavia o modo de as resolver. E, como se de repente houvesse caído em um poço profundo, minha perturbação é tal que nem posso firmar o pé no fundo, nem vir à tona. Esforçar-me-ei, contudo, para retornar ao caminho onde ontem ingressei, a saber, fazendo a remoção de tudo o que comporte a mais mínima dúvida, como se o descobrisse de todo falso. E prosseguirei até conhecer algo certo ou, na falta da outra coisa, que pelo menos reconheça como certo que nada há que seja certo. (Descartes, 2004, p. 41-43)

Em face do apresentado, esse escrito tem como objetivo refletir sobre as metodologias do ensino da filosofia na educação básica brasileira, analisando as diretrizes da BNCC e suas implicações, que por muitas

³Após quase 40 anos, as disciplinas de filosofia e sociologia foram novamente incorporadas ao currículo do ensino médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684. A medida tornou obrigatório o ensino das duas disciplinas nas três séries do ensino médio. Elas haviam sido banidas do currículo em 1971 e substituídas por educação moral e cívica.

⁴Estudantes do Ensino Médio de São Paulo perderam 35% da carga horária de Ciências Humanas nos últimos cinco anos, o que representa 253 horas a menos de formação na área. As disciplinas mais afetadas foram Sociologia e Filosofia, com redução de 62,9.

vezes é uma utopia para o professor de filosofia, bem como as contradições presentes em um currículo que, ao mesmo tempo em que defende a formação ética e crítica, está submetido às exigências do modelo neoliberal de educação.

2. A TRAJETÓRIA DO ENSINO DE FILOSOFIA, BNCC E AS CRISES DAS METODOLOGIAS DO ENSINO DA FILOSOFIA BRASILEIRO.

O ensino da filosofia na educação básica brasileira tem um histórico marcado por avanços e retrocessos, ou como podemos dizer, um contínuo movimento pendular, no qual ela vai e volta, isto é, torna-se obrigatória e deixa de ser, mudanças condicionadas aos interesses políticos e econômicos vigentes. Em determinados períodos, a disciplina foi valorizada como elemento central da formação humana, como na catequização dos povos originários, que habitam no território da nova colônia, ou no processo de destruição da cultura do homem negro; em outros, foi marginalizada ou excluída dos currículos escolares, como quando foi utilizada como ferramenta reflexiva para a formação do senso crítico do trabalhador.

Apesar de seu discurso voltado à formação crítica e ética, a BNCC está inserida em um contexto educacional marcado pela lógica neoliberal. Esse modelo prioriza a formação de mão de obra para o mercado de trabalho, muitas vezes em detrimento de uma educação emancipadora. Como salienta a professora Cristiane Marinho:

A educação brasileira sempre esteve atrelada e determinada pelos interesses políticos e econômicos de cada período histórico. E cada teoria filosófica dos respectivos períodos, por sua vez, era eleita e estabelecida pelos interesses das elites de plantão. Da mesma forma, as legislações que determinavam o funcionamento da educação também eram elaboradas e executadas em conformidade com os interesses dos grupos economicamente dominantes, incluindo as legislações que orientavam o ensino da filosofia. (Marinho, 2023, p.14)

Essa análise evidencia que as políticas educacionais, incluindo aquelas que orientam o ensino da filosofia, não são neutras. Elas refletem os interesses dos grupos economicamente dominantes e por isso contribuem para a manutenção das desigualdades sociais, como salienta Rebecca Tarlau e Kathryn Moeller em sua tese de doutorado que mostra como as fundações, explicitamente a fundação Lemman, que desenvolve esse movimento de "filantropia" como elas exploram e seu texto, mas a sua real intenção é a manutenção da menoridade intelectual, tornando a

classe trabalhadora a cada dia mais técnica e menos crítica.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) entrou no debate de políticas públicas no Brasil e, entre 2015 e 2017, se tornou a mais importante iniciativa de reforma no Ministério da Educação (MEC). Esse processo acelerado de elaboração e aprovação de uma política pública resultou da prática do consenso por filantropia, quando recursos materiais, produção de conhecimento, poder da mídia e redes formais e informais são usados por fundações privadas para obter um consenso entre múltiplos atores sociais e institucionais em apoio a uma determinada política pública. Em outras palavras, essas fundações não impõem políticas públicas aos governos; em vez disso, elas tornam "técnicos" (Li 2005, 7) os debates políticos mais importantes como a questão premente da equidade educacional e, em seguida, influenciam a formação de um consenso entre altos funcionários governamentais sobre quais políticas devem ser adotadas. No caso da BNCC, argumentamos que essa influência filantrópica não é simplesmente um esquema neoliberal para maximizar lucros, mas sim parte de um movimento de lideranças corporativas e fundações privadas em todo o mundo para angariar poder e reconstruir a educação pública à sua própria imagem. Embora esse jogo seja muitas vezes participativo e amplamente aceito, corporações e fundações só conseguem desempenhar esse papel graças ao seu tremendo poder econômico um subproduto direto da desigualdade econômica e política global e aos cortes sistemáticos de recursos na esfera pública. (Tarlau e Moeller, 2020, p. 533)

Nesse sentido, embora a BNCC reconheça a importância do ensino de filosofia, sua implementação ocorre dentro de um sistema que valoriza competências utilitaristas, funcionalistas, mercadológicas, coisificantes, reificantes e a adaptação dos sujeitos às exigências do mercado, o que limita o potencial crítico da disciplina. No contexto do neoliberalismo, a noção de competência desloca o foco da educação da formação crítica e humanística para o desenvolvimento de habilidades consideradas úteis ao mercado de trabalho.

Assim, a escola passa a ser compreendida como espaço de formação de sujeitos capazes de se adaptar às demandas produtivas, valorizando atributos como flexibilidade, desempenho, produtividade e capacidade de resolver problemas. Para Christian Laval, essa lógica transforma a educação em um instrumento de preparação de indivíduos competitivos, ajustados às exigências do mercado e da economia global. Nessa perspectiva, o conceito de competência tende a reduzir o processo educativo a um conjunto de habilidades mensuráveis e aplicáveis, enfraquecendo o papel da

educação como espaço de formação crítica e emancipadora.

Tal fenômeno ocorre visto que muitas vezes o professor que ministra as aulas de filosofia não ser formado na área de filosofia⁵, o qual deixa o ensino cada vez mais deficiente. Como apresentamos em pesquisa anterior realizada a partir de uma experiência de imersão na educação pública durante o componente acadêmico do Estágio Docente.

Com essa experiência no estágio obrigatório em Filosofia, é nitido que os discentes da escola pública situada em uma comunidade da Cidade de Fortaleza – CE, estão afastados de suas realidades, reproduzem um estado de alienação, impedindo o posicionamento crítico sob a sua existência e seu contexto econômico que lhes envolve.

(...) alunos de 15 aos 18 anos de uma escola pública Estadual, estudantes esses da periferia da cidade de Fortaleza, os quais mostram-se alienados até mesmo da sua própria realidade com questões essas perpassam suas vidas, questões que a Filosofia tem um papel fundamental para fazer as suas indagações ou talvez a busca e a chegada de suas respostas, como é o caso da sua existência ou da forma econômica que lhes rodeiam. Para muitos a Filosofia é uma disciplina que não terá utilidade a longo prazo, é comum esses estudantes perguntarem o que é a Filosofia? E para que serve a Filosofia? Pois a sua prática que é a reflexão, a mesma que não é instigada a esses meninos e meninas, as aulas de Filosofia são somente da história do que já foi pensado, mas, não exercitado. (Rodrigues, 2025, p. 2)

As metodologias para o ensino da filosofia no que se diz respeito a educação básica, mostram-se a cada dia mais escassas dentro da sala de aula, a forma que o ensino é colocado dentro da sala de aula, na preleção da filosofia⁶, podemos caracterizar tudo, menos uma exposição do exercício da filosofia. Tal afirmação pode ser fundamentada a partir daquilo que argumenta Cerletti quando defende que o atual modelo educacional "acentua a passividade e a acomodação intelectual perante a incômoda atividade do constante interrogar (2009, p.49)

Uma classe de filosofia deve-se ter como premissa o exercício da filosofia como instrumento emancipador para cada filho da classe trabalhadora, quando ele não é efetivado, pode-se dizer que esteja destruindo as

possibilidades filosóficas dentro de cada aluno, que por direito deve ter a sua experiência com a filosofia propriamente dita. Esta afirmação apesar de contundente leva em consideração a existência dos múltiplos fatores materiais, quase- proibitivos, para a efetivação do ensino de filosofia, tais como, reduzida carga horária, múltiplas demandas pedagógicas, cenários de precarização profissional e violência educacional. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC enfatiza que o ensino sistemático presente na escola básica deve conter a presença da filosofia.

A BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental, sempre orientada para uma formação ética. (Brasil, 2018, p. 561).

O ensino de filosofia, segundo a BNCC, é caracterizado pelo exercício de desenvolvimento reflexivo que fomenta nos indivíduos as habilidades e competências para questionar, argumentar, refletir e analisar criticamente a realidade. Dentro da escola básica, esse pensamento é fundamental para a formação integral do estudante, pois contribui para o desenvolvimento da autonomia intelectual, da consciência ética e da participação cidadã.

Quando a filosofia é ensinada de forma mecânica e conteudista, sem estimular o debate e a problematização, ocorre um esvaziamento de seu potencial formativo. Pois uma aula de filosofia que não exercita o pensamento filosófico, pode-se dizer que está inviabilizando as potencialidades para a construção de uma compreensão de mundo filosófica na história dos educandos. Não há possibilidade de ensinar filosofia sem uma intervenção filosófica, como salienta Cerletti.

Poderíamos perguntar-nos, antes de mais nada, se é realmente possível ensinar filosofia sem uma intervenção filosófica sobre os conteúdos e as formas de transmissão dos "saberes filosóficos"; ou sem responder, univocamente, que é a filosofia? Ou também sem colocar que um tipo de análise social, institucional ou filosófico – político do contexto é requerido; ou as condições sob as quais se levará adiante esse ensino (Cerletti, 2009, p. 7).

Como se demonstra, o ensinar filosofia necessariamente é um movimento filosófico – sob bases

⁵O cenário educacional no Brasil enfrenta um desafio preocupante: muitos professores atuam em disciplinas para as quais não têm formação específica. Segundo o Censo da Educação Básica de 2023, 41% dos docentes do ensino fundamental II e 32% do ensino médio lecionam fora de suas áreas de graduação (Souza, 2024).

⁶As metodologias ativas são aquelas que projetam no aluno o protagonismo de sua aprendizagem, ou seja, ele é estimulado para a participação, autonomia e reflexão crítica. Diferentemente do modelo tradicional de ensino, no campo da Filosofia temos o Lipman, que desenvolve formas de ensino da Filosofia voltado para crianças. "A sala de aula deve tornar-se uma comunidade de investigação, na qual os estudantes aprendem a pensar por si mesmos através do diálogo e da reflexão crítica" (Lipman, 2003).

conceituais e finalísticas. Ou seja, o ensinar sobre filosofia pode tornar-se apenas uma expressão mimética do filosofar, talvez, apenas uma revisitação antiquária da história da filosofia. Por outro lado, e juntamente com toda uma tradição de autores com quem nos ladeamos, entendemos o ensino de filosofia como um genuíno processo filosófico, e por isso, autônomo, libertador e crítico.

3. METODOLOGIAS ATIVAS, ENSINO CRÍTICO E CONTRAPOSIÇÃO À LÓGICA NEOLIBERAL DA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA

O desafio central do ensino da filosofia não é apenas garantir sua presença no currículo, mas assegurar que ela seja vivenciada como prática reflexiva. Isso exige metodologias ativas, que coloquem o estudante como sujeito do processo de aprendizagem e não como mero receptor de informações e que o docente seja preparado para apresentar os conteúdos de forma contextualizada a cada nível educacional.

A Base Nacional Comum Curricular que estabelece as diretrizes para o ensino sistemático na educação básica e reconhece a importância da filosofia nesse processo. No Ensino Médio, a filosofia integra a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, juntamente com História, Geografia e Sociologia. Essas orientações evidenciam o reconhecimento da filosofia como componente essencial para o desenvolvimento do raciocínio crítico e da formação ética dos estudantes. No entanto, a efetivação dessas propostas depende diretamente das metodologias adotadas em sala de aula.

No Ensino Médio, com a incorporação da Filosofia e da Sociologia, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe o aprofundamento e a ampliação da base conceitual e dos modos de construção da argumentação e sistematização do raciocínio, operacionalizados com base em procedimentos analíticos e interpretativos (Brasil, 2018, p. 472).

Diante do cenário de ataque e descredibilização do ensino de filosofia, torna-se imprescindível repensar as metodologias utilizadas no ensino da filosofia na educação básica. As práticas tradicionais, centradas exclusivamente na exposição oral do professor e na memorização de conteúdos históricos, mostram-se insuficientes para promover o exercício do pensamento filosófico. Quando o ensino se limita à transmissão de conceitos prontos, a filosofia perde sua dimensão crítica e formativa

Silvio Gallo, defende que o ensino dessa disciplina deve estar comprometido com o ato de filosofar, e não

apenas com a história da filosofia. Para o autor: Ensinar filosofia não é transmitir um saber pronto e acabado, mas criar condições para que o aluno possa experimentar o filosofar, isto é, aprender a problematizar, conceituar e argumentar (Gallo, 2012, p. 25). Essa perspectiva reforça a ideia de que a aula de filosofia deve ser um espaço de diálogo, questionamento e construção coletiva do conhecimento. O estudante precisa ser instigado a pensar filosoficamente a partir de sua realidade, articulando os conceitos filosóficos com os problemas concretos da vida social.

Nesse sentido, metodologias ativas, como debates orientados, análise de textos filosóficos, rodas de conversa e problematizações do cotidiano, mostram-se fundamentais para efetivar o ensino da filosofia como prática reflexiva. Ao assumir esse caráter investigativo, a filosofia contribui para a formação de sujeitos críticos, capazes de interpretar a realidade e intervir nela de maneira consciente. Silvio Gallo salienta que: "Ensinar filosofia não consiste em apresentar sistemas filosóficos acabados, mas em possibilitar que o estudante experimente o filosofar, produzindo seus próprios conceitos a partir de problemas que fazem sentido para sua vida. (Gallo, 2012, p. 61)"

Somente assim será possível resgatar o sentido da filosofia como prática viva e transformadora, capaz de contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Formados em contextos universitários majoritariamente bacharelescos, ambientes nos quais as metodologias adotadas são as mesmas da *lectio* e da *disputatio* medievais, os docentes da educação básica tendem a reproduzir em suas salas de aulas mesmas estruturas didático-pedagógicas, as quais demonstram-se totalmente obsoletas no que diz respeito à comunicação com as metodologias ativas de educação.

A filosofia, não deve ser uma disciplina maçante, focada em temas excessivamente abstratos, na qual a teoria não se aproxime da realidade dos alunos. É imprescindível que o ensino de filosofia se revista de um viés transformador, colaborando para o enriquecimento do intelecto do indivíduo em formação, em todos os ambientes escolares, especialmente no instante da aula de filosofia, uma vez que tal processo é a principal finalidade deste componente curricular. Aproximar o conceito da realidade do aluno, não esvaziará a filosofia, ao contrário, dotará de um sentido mais amplo toda a aprendizagem.

A filosofia, quando ensinada de forma crítica – isto é, apresentada, debatida e construída como um instante de reflexão crítica, radical e exclusivamente racional –

possui um caráter profundamente emancipador. Ela possibilita aos estudantes compreenderem as estruturas sociais, políticas e econômicas que moldam suas vidas, além de questionarem as desigualdades e injustiças presentes na sociedade. Nesse aspecto, o ensino da filosofia se contrapõe à lógica neoliberal pois promove a reflexão crítica e a resistência à alienação. Ao estimular o pensamento autônomo, a filosofia contribui para a formação de cidadãos capazes de intervir na realidade e lutar por transformações sociais. Como defendido por Jimenez e Mendes Segundo, o sistema educacional brasileiro:

vem, de fato, praticando a contenção dos gastos com a educação pública, priorizando, mesmo assim avaramente, o ensino fundamental, lançando o ensino médio e o superior à arena da privatização, além de fazer jorrar suas graças financeiras pelos cofres das empresas privadas de ensino superior, como vem sendo denunciado em plenas medidas. (Jimenez e Mendes Segundo 2007, p. 125)

Partindo do excerto apresentado, é possível afirmar que a lógica educacional neoliberal se fundamenta em pressupostos que reduzem a educação a uma prática instrumental e não transformadora, voltada prioritariamente para a formação de mão de obra e para a adaptação dos sujeitos às exigências do mercado, sem reclamar. Nessa perspectiva, o conhecimento é tratado como mercadoria, a escola assume caráter empresarial e o estudante é visto como "capital humano", devendo desenvolver competências e habilidades úteis à competitividade e à produtividade.

Diferentemente dessa racionalidade, Paulo Freire critica o modelo de educação bancária, ao afirmar que "na visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber" (Freire, 2025, p. 33), denunciando o caráter opressor dessa prática pedagógica. Assim, em oposição à lógica neoliberal, o ensino crítico da filosofia, inspirado em uma pedagogia emancipadora, promove a conscientização, a autonomia e a leitura crítica da realidade, possibilitando aos estudantes compreenderem as estruturas sociais, políticas e econômicas que moldam suas vidas e intervirem nelas de forma transformadora.

A filosofia, quando ensinada de maneira crítica e reflexiva, assume um papel fundamental no processo de emancipação dos sujeitos. Ao possibilitar a leitura crítica da realidade social, política e econômica, o ensino da filosofia contribui para que os estudantes compreendam as estruturas que condicionam suas vidas e possam questionar as desigualdades e injustiças presentes na sociedade. Como afirmam Marx e Engels no seu Ideologia alemã:

A transformação, pela divisão do trabalho, de forças (relações) pessoais em forças reificadas não pode ser superada arrancando-se da cabeça a representação geral dessas forças, mas apenas se os indivíduos voltarem a subsumir essas forças reificadas a si mesmos e superarem a divisão do trabalho. Isso não é possível sem a comunidade. É somente na comunidade [com outros que cada] indivíduo tem os meios de desenvolver suas faculdades em todos os sentidos; somente na comunidade, portanto, a liberdade pessoal torna-se possível.

Nos sucedâneos da comunidade existentes até aqui, no Estado etc., a liberdade pessoal existia apenas para os indivíduos desenvolvidos nas condições da classe dominante e somente na medida em que eram indivíduos dessa classe. A comunidade aparente, em que se associaram até agora os indivíduos, sempre se autonomizou em relação a eles e, ao mesmo tempo, porque era uma associação de uma classe contra outra classe, era, para a classe dominada, não apenas uma comunidade totalmente ilusória, como também um novo entrave. Na comunidade real, os indivíduos obtêm simultaneamente sua liberdade na e por meio de sua associação. (Marx & Engels, 2007, p.64)

Partindo do que foi exposto, Paulo Freire, ao refletir sobre o papel da educação na formação humana, destaca que o processo educativo deve ir além da adaptação do indivíduo à realidade, promovendo a conscientização e a transformação social. Para o autor: "A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo" (Freire, 2005 p. 35).

Essa concepção freiriana dialoga diretamente com o ensino da filosofia, na medida em que ambos compartilham o compromisso com a formação de sujeitos críticos, capazes de pensar de forma autônoma e agir de maneira consciente. A filosofia, ao estimular o questionamento e a reflexão, rompe com a lógica da educação bancária e se apresenta como prática de liberdade.

Concepção de construção de conceitos e de reflexões consistentes diante de suas realidades e o papel do docente de filosofia é esse, Freire desenvolve que "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção." (Freire, 2005, p. 47), e esse é a função do professor de filosofia.

Desse modo, o ensino da filosofia se contrapõe à racionalidade neoliberal que reduz a educação à formação de mão de obra barata e sem a mínima

qualificação, deixando esses filhos da classe trabalhadora próximos de uma ascensão do esclarecimento humano, social e político, reafirmando seu caráter humanizador e emancipatório.

Ao fomentar o pensamento crítico, a filosofia contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária que desenvolve o senso crítico da classe trabalhadora desde a sua essência educacional, democrática e consciente de suas contradições, é essencial para uma aula de filosofia, o exercício efetivo da filosofia, e que o professor domine e esteja disposto a sair do lugar de detentor do ensino, mas, para um condutor, que use a história da filosofia não como o centro de sua aula, mas como um processo de investigação para um novo significado do conceito atualizado para a realidade vivida dos estudantes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar a partir dos argumentos apresentados na presente reflexão que o ensino da filosofia na escola básica brasileira enfrenta o desafio de superar a dicotomia entre o ensino e a reflexão filosófica, especialmente no que se refere às metodologias adotadas em sala de aula – por serem essas excessivamente tradicionais, bacharelescas e, em algum sentido, acriticas revelando-se assim ineficazes para o ensino filosófico da filosofia durante as aulas do ensino básico, somente expor os pensamentos dos grandes pensadores, não significa um aprendizado filosófico, mas somente fomenta a distância entre o aluno e a filosofia.

Embora a BNCC reconheça a importância da filosofia para a formação ética e crítica dos estudantes, sua implementação ocorre em um contexto marcado por contradições e interesses econômicos, como os do neoliberalismo, que desenvolveu no interior de filhos de filhas da classe trabalhadora a meritocracia e o desejo de ser “patrão”, pois como é ensinado no sistema neoliberal, o empreendedorismo é a solução de todos os problemas, mas ele deixa esses meninos passíveis a uma vida de negações e privações, uma delas a intelectual.

Para que a filosofia cumpra seu papel formativo é imprescindível que as práticas pedagógicas sejam repensadas, priorizando o exercício do pensamento filosófico e a problematização da realidade. Somente assim será possível evitar o esvaziamento da disciplina e garantir aos estudantes o direito a uma educação verdadeiramente crítica e emancipadora, levando os filhos da classe trabalhadores a uma concepção crítica do mundo, mas como fala Paulo Freire, que façam o exercício do verbo esperar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Filosofia e sociologia no ensino médio**. Brasília: MEC, [s.d.]. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/filosofia-e-sociologia-no-ensino-medio>. Acesso em: 6 mar. 2026.

BASILIO, Ana Luiza. **Menos sociologia, filosofia e geografia: ciências humanas perdem 35% da carga horária no Ensino Médio de SP**. CartaCapital, 6 fev. 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/menos-sociologia-filosofia-e-geografia-ciencias-humanas-perdem-35-daa-carga-horaria-no-ensino-medio-de-sp/>. Acesso em: 6 mar. 2026.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico**. Minas Gerais: Autêntica, 2009.

DESCARTES, René. **Meditações sobre a Filosofia Primeira**. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

GALLO, Sílvio. **Ensino de Filosofia: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2012

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papyrus, 2012.

JIMENEZ, Susana Vasconcelos; MENDES SEGUNDO, Maria das Dores Mendes. Erradicar a pobreza e reproduzir o capital: **Notas críticas sobre as diretrizes para a educação do novo milênio**. Pelotas, Editora da UFPEL, Ano 16, N. 28, Jan-Jun 2007, p. 119 - 138.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.

LIPMAN, Matthew. **Pensando na Educação**. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MARINHO, Cristiane. **Educação, Filosofia e interesses políticos**. 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã. Tradução de Rubens Enderle, Nélío Schneider e Luciano Cavini Martorano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SOUZA, Lorena de. **Desafios na educação: 1 em cada 3 professores do ensino médio atua fora da sua área de formação**. Escola Educação, 22 nov. 2024. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/desafios-na-educacao-1-em-cada-3-professores-do-ensino-medio-atua-fora-da-sua-area-de-formacao/>. Acesso em: 20 dez. 2025.

RODRIGUES, Arthur de Souza. **Ensino de Filosofia: Uma educação libertadora dentro da escola básica brasileira**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2025.

TARLAU, Rebecca; MOELLER, Kathryn. O consenso por filantropia: como fundações privadas influenciam a Base Nacional Comum Curricular no Brasil. **Curriculum Inquiry**, v. 50, n. 5, p. 533-555, 2020.